

A COMPETIÇÃO TECNOLÓGICA

Armando Corrêa da Silva

Prof. Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Comentário do conteúdo do projeto e relação bibliográfica preliminar.

Eficiência e velocidade

A agregação de valor aumenta em função da quantidade e qualidade das inovações tecnológicas acopladas aos dispositivos operacionais, que têm sua entrada programada no circuito.

Isto significa que o hardware deve ter uma resposta adequada na programação, que deve ser orientada pelo analista, na produção do software.

São pre-requisitos da obtenção de eficiência e velocidade.

A miniaturização dos equipamentos, torna-se, assim, o alvo na preferência do consumidor.

Este tipo de demanda se dá em função da progressiva escassez de espaço.

Por isso, abrir espaço tem relação com a escala disponível na tela do aparelho, na possibilidade de impressão de caracteres reduzidos, mas óticamente legíveis, em função das condições do usuário.

Essa redução de espaço implica numa redução do tempo espacial, embora a velocidade do percurso possa ser mantida constante.

Relacionalmente, a reprodução editorial deve ser capaz de transferir o valor no tempo possível, tudo realizando-se no tempo do valor do lugar anterior à realização do evento.

Então, a memória espacial impulsiona os significados em direção ao imaginário como retrospectiva.

Essa desaceleração pode implicar na necessidade de garantir a eficiência na produção instantânea da ocorrência do reflexo.

No entanto, a eficiência e a velocidade devem obedecer aos requisitos de padronização diversificada, capaz de atender à demanda da sociedade plural.

O mundo da técnica e da tecnologia desliza na superfície isotrópica, proporcionando a ilusão necessária à produção da empatia.

A escolha do equipamento demanda uma espera que a oferta de capital e trabalho, envolvida na alienação progressiva das inovações e difusões permanentes das invenções e descobertas, tende a tornar operacionalmente difícil a escolha, porque a prática aplicável é obsoleta, limitada pela lentidão epistemológica.

O que é hoje o consumidor?

Preferência do consumidor

O consumidor da pós-modernidade está relacionado com o social como imagem.

Um grande número de pessoas está hoje sendo levada ao consumo através da experiência da tela reduzida e de alta definição a cores do computador, acoplado a um dispositivo de reprodução de textos e figurações espaciais complexas, que o xerox multiplica.

No entanto, o consumidor individual diferencia-se no modo de perceber e sobredeterminar a retrospecção informática mundial eletrônica.

A preferência do consumidor está, assim, estreitamente ligada às inovações tecnológicas que aumentam a acessibilidade aos recursos, modificando os espaços políticos e tornando obsoletas as enumerações empíricas dos modelos simplificadores.

Ora, nem sempre a preferência recai sobre a quantidade e, por analogia correta, a produtividade defasada.

Há uma técnica no consumir, que torna pretéritas as críticas ao desempenho das funções de impulsos finos, necessários à operacionalidade orgânica.

Mas, a memória, se retém a imagem, como flash, decodifica-a no fluxo do tempo que se faz espaço cotidiano.

Como entender a caixa preta das relações não explícitas, nem sequer por meio de símbolos e sinais?

O som, por isso, explicita-se no ruído, no barulho, no atrito, enfim, que torna difícil o fazer da mente organizada no parâmetro das sociedades que vivem ainda sem a perspectiva da elitização.

A abstração, enquanto separar, implica, pois, na possibilidade de tornar o trabalho (sensu lato) possível.

Não obstante, o mundo insípido e inodoro dos blocos informatizados, não leva em consideração a liberdade que se expressa abertamente no submundo metropolitano, onde ocorre o livre fazer e o livre pensar reflexivos.

Por isso, entretanto, a eficiência e velocidade tornam pos

sível o desempenho ágil do trabalho, sem fadiga, mesmo que este se manifeste nos modelos altamente sofisticados, atendendo, então, à demanda necessária, que permite a escolha indeterminada.

Os operadores de serviços

O hardware no patamar alternativo é competente e informal, embora o código esteja baseado mais no significado dos símbolos e sinais do que na informação computadorizada das agências formais de comunicação.

A crítica e a contra-crítica explicitam-se no internacionalismo democrático metropolitano, pleno de estímulos da demanda jovem, porque destituída de drives e pitchs que o computador programa diversamente.

Então, nem sempre a formação qualificada dá conta da ausência de sinergia dos sistemas informais.

O experimentalismo substitui a ação coordenada, na identificação dos sistemas acoplados diferencialmente.

Por isso, a demanda diversifica-se na desorganização do espaço. O tecnólogo é, não obstante, aquele que pode modificar as condições do meio ambiente.

O escritório e o laboratório alternativos vivificam as ocorrências paranormais, direcionadas pela elitrição.

A reflexão e a tecnologia, ausentes na separação e competição, entre o analista e o operador, explicitam-se no fazer espontâneo das relações entre o capital e o trabalho.

As musas modernas e pós-modernas são mais lúcidas do que a oferta da hiperespecialização dos recursos.

Aqui, ressurgem o atrito.

É preciso decodificar o pensar, o sentir e o agir.

Daí, a escala.

Os operadores de serviços no turn over selvagem dos softs defasados, defrontam-se com as demandas do circuito inferior.

Vitrines.

Dentro do ambiente descontraído dos ambientes pós-futuristas, o olhar ascendente dos despossuídos defronta-se com o vêr do privilégio.

Os fluxos inter e intra demandam uma especialidade necessária, que as agências espontâneas operam na cooperação codificada.

A sociedade de serviços, no entanto, está já preparada para atender a demanda da ideologia do cotidiano.

As influências exógenas na mente do produtor de serviços são prontamente atendidas pelo desenvolvimento acelerado do capital

técnico.

Como, daí, impedir que a reificação dos fluxos relacionais obscureçam a telepatia dos ausentes?

Funções preferenciais

A principal função preferencial dos tecnólogos é o não-trabalho.

O não-trabalho é uma modalidade recente de atividade, desenvolvida com base na ciência e tecnologia pós década de 60.

Ele torna possível a competição tecnológica sem atritos psico-somáticos.

Não se trata do espaço tenso das organizações não aparelhadas para resolver, se necessário, o desânimo contido nos relacionamentos mecânicos.

Ou seja, o significante-significado flui no ritmo das informações cotidianas dos momentos de rotina da midia.

Há uma música que expressa, no receiver, as condições do não-trabalho: "someone to watch over me".

.....

As funções preferenciais do hard implicam comunicações pretéritas que não trabalham com os sinais e símbolos do silêncio eletrônico.

Contudo, estão mais presentes como toques sutis de significado para-humano.

Como no caso do poeta que disse: "No vértice da noite a sensibilidade se equilibra".

.....

Na rememiscência do tempo transcorrido - aqui e agora - a paz do encontro que não se realiza, transfigura o espaço do não-trabalho.

O cansaço volatiliza-se nas ondas ainda hertzianas do escritório não dominado pelo impacto da revolução tecnológica.

A baixa tensão, no entanto, permanece, como um componente do futuro pôsto e irreversível.

.....

Os sinalizadores eletrificantes, que percorrem o meio am-

ambiente metropolitano dos sub-bairros centrais, percorrem o espaço sua vemente, proporcionando as condições de comunicação do imaginário.

O desenho da emoção se expressa na interface dos operadores que ^{se} sabem solidários na distância intransponível da insegurança, da timidez e dos medos urbanos.

O valor no espaço estabelece o elo necessário ao desempenho da função mediadora, que se explicita nas dicas sem resposta.

O silêncio técnico

No escritório informatizado o silêncio é pre-requisito da tabulação eletrônica, da qual só se ouvem as várias modalidades do bips. Cada operador concentra-se na execução de seu programa tecnológico, num processo em que o saber fazer é sincrônico à percepção orientada pelo pensar prático intra-objetivo.

No bar alternativo os serviços prático-técnicos são embalados pelo som popular do FM, na rotina do comêço da noite.

No stúdio do apartamento, o típ-tap da máquina de escrever dá vida à estante de livros, à mesa de trabalho, ao poster, iluminado pelo pendente.

Na sala de trabalho do tecnopolo em formação, a informação expressa-se nos documentos diversos que têm que ser classificados e arquivados.

No porão habitado o silêncio técnico só é perturbado pelo som da Escola de Samba próxima, nos ensaios preparatórios às performances coloridas, acionadas pelo ritmo escalonado da bateria.

No quarto de dormir da casa da praia, de madrugada, o silêncio técnico permite a introspecção hermenêutica, ao som dos miados dos gatos noturnos nos telhados.

No interior do automóvel em movimento o silêncio técnico é pôsto pela atenção voltada ao espaço relacional objetivo, só modificada ^{nas} escalas móveis, pela sinalização.

Na sala, as comunicações sofrem interferências das tensões sociais originadas da TV e do aparelho de som modulado, que embalam a leitura dos textos produzidos e relidos.

No quarto, o ruído imperceptível do relógio digital não perturba o sono, apesar do barulho que vem da rua ao lado.

No quarto de hóspedes, vazio, o silêncio técnico expressa-se em vibrações de alto padrão.

.....

No interior da caixa preta as conexões informáticas e cibernéticas produzem os estímulos externos, que são cores e modelagens, se

paradas em módulos e modelos explicativos do código eletrônico, mapeados com símbolos e sinais prontamente decodificados.

Diferenças de humor

O humor é uma condição fundamental da sociabilidade moderna. Na verdade, faz parte das condições de trabalho.

A pessoa sem humor encontra dificuldade em relacionar-se na pós-modernidade.

A contradição é um componente da vida organizada pelo sistema, que se defronta com a frequência das indeterminações que provocam a abulia.

Momentos de sonambulismo e apatia, compensados por momentos de euforia, que ocorrem aleatoriamente nos estímulos diversificados metropolitanos.

Como encontrar a serenidade do deparar-se com as ações sociais e as relações humanas em harmonia?

O desgoste das emoções no consumo impede à busca, que a mídia procura satisfazer, alienando progressivamente o pensamento crítico, que se refugia nos pontos de encontro, apenas para recomeçar a procura que se sabe difícil, porque efêmera.

O auto-contrôle necessita dos equipamentos urbanos que as inovações tecnológicas estão, constantemente, fazendo chegar ao mercado.

No entanto, a tomada de decisão que desaliena e solta o corpo e a mente, depende de rupturas que envolvem destruir as indecisões psico-somáticas.

Então, põe-se o movimento do eu, que se dirige à empatia dos outros, no encontro do fluxo que, indiferente aos estados de ânimo dos atores, perpassa o fazer e o saber, nos aparatos que o homem-empresário proporciona ao consumo.

No vazio, que se apresenta, a mente trabalha a idéia abstrata, que se espelha nos semblantes anônimos da multidão que se dissolve no ir e vir dos encontros e desencontros.

Transformar a idéia abstrata em idéia concreta e fazer com que se defrontem, torna possível o diálogo, que será posteriormente interrompido por novos atritos, apenas como linguagem ou como sentimento que ^{re}contam ao mundo anterior, que se desfaz a cada instante, no aqui e agora das interrupções problemáticas do cotidiano.

Mas, a máquina continua indiferente aos humores do ser e do estar.

Movimento e função

Diariamente desempenhamos funções. Dirigir autos, motos, bicicletas, abrir e fechar janelas e portas, apagar e acender luzes, apertar botões etc.

São movimentos que exigem atenção ou são automáticos, como certos movimentos do corpo.

Há movimentos que não dependem de nós, como o movimento de rotação da Terra.

Os movimentos sociais podem ser espontâneos ou dirigidos.

No entanto, todos êsses movimentos individuais ou coletivos, exclusivos os movimentos da natureza, são, de certo modo, funcionais.

Há um tipo de movimento, contudo, que não é funcional.

Refiro-me àquele movimento que depende da teoria e, portanto, da consciência.

É o caso de uma pessoa, teleologicamente orientada, ou o movimento da sociedade em direção a um objetivo politicamente desejado.

Estas considerações são feitas a propósito do atual período técnico-científico, em que a máquina e o conhecimento eletrônico impõem uma nova modalidade de razão.

A comunicação e a informação desempenham, então, um papel básico.

Essa nova realidade, por sua vez, repercute sobre as funções já mencionadas, tornando sua execução diferenciada.

Surge uma mentalidade que se orienta, frequentemente, por um código.

É uma influência que ultrapassa o domínio da vontade e da decisão individuais.

A generalização do uso da tecnologia gera um sistema autopropulsor, que modela as condutas, restringindo as possibilidades de escolha e, com isso, as liberdades e as necessidades.

A sociedade moderna, através de seus indivíduos parece valorizar os resultados da automação codificada.

Isto entra em contradição com os constrangimentos daí derividos.

O mundo dos valores permanentes modifica-se, a ponto de apenas se poder referir a sólidos momentos, que se desfazem no fluxo do cotidiano, deixando as pessoas sem parâmetros, que apenas as referências precariamente fixas do concreto permitem nortear o viver no ato imediato, que se esgota no pensar, no sentir e no agir funcionais.

São indícios de surgimento de uma nova sociedade em gestação na crise contemporânea.

Não obstante, o cotidiano vai dando origem a uma ideologia que nasce dos processos de repouso e movimento do real.

Não se trata de ser otimista ou pessimista.

Trata-se de apenas ser e estar, sem preocupações.

No mundo da subjetividade-objetivada, a vida põe, a cada instante, o que fazer, sem atalhos.

Função e movimento

A função materializa o movimento?

Não é ela que dá forma aos fluxos?

Então, as informações e comunicações espaciais, via satélite, invisíveis, nem por isso deixam de ser materiais, a energia em movimento à distância.

Há, no entanto, uma diferença entre a função sensorial e aquela dos sensores remotos.

É a sensibilidade decodificada pela eletrônica.

Sendo assim, são prolongamentos dos sentidos.

É, então, legítimo falar em geração e transferência de valor a-espaciais.

O valor (econômico) não está, assim, divorciado do valor determinado pelas emoções:

Por que separar?

É que a emoção expressa-se principalmente através do consumo.

O mundo da produção, antes na vanguarda dos processos de transformação da sociedade e da natureza, cederam lugar ao ver, olhar, enxergar, observar, pensar, refletir, que se põem imediatamente à consciência.

O mundo sensorial impõe suas determinações e indeterminações. Por isso, os muros pós-modernos são particularmente psicológicos.

As barreiras físicas e de interesses psico-sociais desempenham aí um papel.

Como comunicar a subjetividade através dessas barreiras?

Um dos principais obstáculos é a idealização do sentimento do poeta, que procura na comunicação humana sensorial a compensação de transpor os constrangimentos funcionais.

É preciso aceitar os desafios que produzem a perturbação dos sentidos que anunciam a aventura nova.

Os circuitos mentais

Certas ocasiões o setrel está baixo. É que os circuitos mentais estão em pane.

Nesses casos é preciso concentrar a mente a ponto de tentar organizar os atritos, num padrão que seja compatível com o entorno.

A possibilidade decorre da capacidade de abstrair.

Cria-se, assim, a reconstrução da superfície isotrópica, que permite o fluxo da informação e a comunicação sem a interferência das carências psico-somáticas.

A tranquilidade da mente se põe, assim, como uma decorrência da coerência do argumento.

A lógica, no sentido hermenêutico, desempenha, então, um papel decisivo.

A reorganização do espaço ganha, por isso, foros de hegemonia.

O processo é lento, porque as variáveis aleatórias quânticas detonam reações imprevisíveis.

Mas, a perspectiva futura orienta o pensar e influi no circuito, amenizando a parafernália da anomia organizada.

O caos é apenas a liberação dos neurônios até o limite do comportamento já institucionalizado, na liberação, por um instante, torna-se nada possível.

Na conexão, assim efetivada, a normalidade do comportamento permitido, na troca de entropias, torna-se o normal admitido.

Na ética, assim posta, o fluxo da determinação torna-se indetermi-

nado. Cria-se um haver sem cobrança, pois a comunicação desliza no ambiente tornado impermeável à distonia.

A transfiguração do real alcança o intercâmbio da narco-análise.

No silêncio, do intervalo, a mente posiciona-se como eletrocução das influências não codificadas.

A generosidade perpassa o nexos das influências recíprocas.

A memória, então, registra o impossível nas vivências ignoradas do tempo que não avançou na procura que não termina.

Isso é bom.

O reviver restabelece a relação que se tinha feito mecânica.

O impulso pós-eletrônico impermeabiliza o sintoma da desconfiância, agora, decodificada.

Mecânica e eletrônica

A nova mecânica está substituindo o movimento de repetição simples pelo movimento de acoplagem.

O resultado é a peça ou componente compacto e blindado,

conseqüência do barateamento dado pelo aumento da velocidade na produção e do custo baixo dos novos materiais - e que pode ser descartável.

Isto se relaciona ao aumento de custo dos serviços de manutenção e com um patamar de consumo mais elevado.

O eletrônico utiliza o mecânico apenas nas operações de serviços, constituindo-se, assim, em capital técnico.

Trata-se, em muitos casos, de um processo de alteração de funções.

A função-capital implica naquele consumo que é investimento que proporciona um ingresso adicional.

A função-trabalho torna-se complementar de um processo que, tornando-se sistêmico, liberta-se relativamente da determinação humana.

Mas, a máquina dotada de inovação tecnológica aumenta o valor de circulação, gerando tempo livre e ociosidade.

A lei do valor atua de modo indeterminado e o mercado parece, por isso, funcionar aleatoriamente.

É que o componente subjetivo aumenta e, num primeiro momento, cresce o fetiche da mercadoria.

Só a necessidade consciente - que é limitativa - passa a ser o regulador dos fluxos de valor que é, agora, valor de valor.

Entretanto, a mentalidade dos atores da situação pode permanecer defasada, apesar da modernização, o que influte sobre as relações humanas, gerando diferenciais de padrões ideológicos e a dificuldade na comunicação.

O entendimento se dá como momentos de sincronismo dos circuitos mentais.

A eletrônica desempenha aí um papel, sustentada pela base mecânica da produção.

A base mecânica, apesar de seu movimento veloz, é aparentemente lenta, gerando diferenciação de valor, quando comparada com a velocidade eletrônica.

A energia básica é, no entanto, elétrica.

As máquinas de última geração, que utilizam o processo laser, têm como impulso o elétrico e o eletrônico, mas operam com os componentes da luz.

Assim, a energia luminosa substitui as energias mecânica e eletrônica.

Como se dá, então, a geração e transferência de valor?

O fluxo do valor

O novo conceito de valor não pode ser considerado sem que se leve em conta a subjetividade-objetivada.

Assim, há um valor-em-si e um valor-pare-si. O primeiro é uma decorrência do trabalho, um valor adquirido. O segundo é uma decorrência do significado para os atores em uma situação, portanto, um valor atribuído.

Mas, ao contrário do passado, o valor não está mais nas coisas, nas pessoas, nas idéias, mas está nas relações. Por isso, é um valor in flux.

Desse modo, só há valor no processo inter-subjetivo e inter-objetivo.

Pode-se, então, falar em valor potencial e valor latente.

Em si mesmo, o valor é abstrato. Sua concretude depende do movimento do real, como valor material, biológico ou simbólico.

Se o trabalho cria valor, éle o faz no processo de transformação da natureza.

Transferir valor é apropriar-se do resultado da relação. Então, afirmar a identidade.

Mas, a afirmação da identidade produz o isolamento. O valor transforma-se em um conjunto de relações internas de significado.

A sociabilidade passa a relacionar os isolamentos e, com isso, produzir o fluxo do valor, ou seja, a troca de valores que, no entanto, pode ser unilateral.

O que seria o valor independentemente do transmissor e do receptor?

Parece que tenderia a desaparecer, gerando o distanciamento, que só a memória registraria.

O valor memorial passa a ser condição do valor imaginário, que só se realizam no instante sincrônico de manifestação do real.

A criação de valor pode, não obstante, ser uma ação consciente do sujeito.

A valorização implica na atribuição de potencialidades ao objeto e ao próprio sujeito.

Contudo, na fetichização, o objeto, que pode ser uma pessoa, atribui ao sujeito, outra pessoa, um significado presente no mundo, mas de forma alienada.

Estar fora de si implica distribuir valor até o limite da renovação do ponto de partida.

O valor é, assim, o núcleo de existência da razão.

Sucata e atropo

O reaproveitamento do descartável implica na acessibilidade de aos recursos pelos despossuídos.

A sucata tem, assim, duas conotações: o que não interessa mais a certos patamares do perfil social, e o que não atende mais ao consumo produtivo, por não preencher mais as funções básicas da existência, informadas pela pressão da modernização conservadora.

Assim o atraso é redefinido como a existência da superação das carências elementares.

Aos setores que estão abaixo do limiar de pobreza, definido pelo sistema, interessa o atraso, pois éste tem relação com o desperdício, que informa o ciclo vicioso da miséria.

A ruptura do subconsumo representa a possibilidade da substituição de bens e serviços.

Isto põe em movimento o setor informal da economia, que passa a ser olhado com interesse pelo círculo superior.

Mas, há um limite, para isso: o obstáculo cultural.

Duí a importância da função democrática, que permite a relação estabelecer-se entre os desiguais. Essa relação pode ser automática ou elaborada.

Psicologicamente, o interesse econômico isotrópico admite a convivência das diferenças ao nível da produção e do consumo.

No entanto, se a descontinuidade entre os patamares sociais é muito grande, no limite do retorno dos ingressos, as razões sociais passam a predominar sobre o interesse econômico restrito, gerando descompasso no mercado de trabalho.

É que há um limite ao aproveitamento da sucata, pôsto pela lógica do descarte.

Esse limite expressa-se especialmente, nas diversas agregações materiais e humanas existentes.

O efeito demonstração articula os espaços tornados desiguais.

Desse modo, o não aproveitamento do descarte chega ao limite da biodiversidade não degradável.

O residual torna-se parte do ambiente, no campo e na cidade, gerando, quantitativamente, a busca de soluções para os impasses da sobrevivência humana.

Isso dá origem a um novo espaço do capital e do trabalho, ou seja, um âmbito de consumo que valoriza o detalhe do descartável.

O atraso transforma-se nos diversos tipos de atraso, em que a defasagem mental desempenha um papel decisivo na definição da própria sucata.

Concorrência dos mini-oligopólios

O valor no oligopólio depende de expectativas num mercado compartimentado.

As posições dos atores são estratégicas e, no caso dos mini-oligopólios, dependem da micro-localização.

A pequena empresa moderna, por sua vez, depende da grande, frequentemente, como fornecedora de peças e equipamentos além de produtos semi-finais acabados.

Ela se move, assim, nos interstícios do sistema, como, de certa forma, uma concessão de espaços pelo Estado e as multinacionais.

O mercado fechado acirra a competição.

A estratégia do pequeno é sempre a de abrir espaços de atuação.

Isto é possível porque a grande empresa, teoricamente, e o Estado, estão interessados nos grandes espaços de demanda.

A visibilidade micro é capaz de descobrir o espaço vazio. É onde o mini-oligopólio atua.

Mas, cedo, os concorrentes também descobrem esses espaços.

Põe-se, então, a lógica do sub-mercado, diverso do mercado informal que, em muitos casos é parametrizado.

As trocas realizam-se na legalidade destituída de regulamentos.

O conjunto dos atores nessa situação gera o mercado mini-oligopolístico, na disputa de produtos que estão relacionados a determinadas preferências do consumidor.

Qual o papel desempenhado pelo mini-oligopólio?

Ele se relaciona à troca especializada, que cresce com a diversificação da oferta.

Então, ele está interessado na liberdade de comércio e no crescimento da demanda, via aumento da renda e dos salários.

Nesse caso, ele se defronta com a situação já existente da concorrência administrada pelo Estado e pelas multinacionais.

Sua possibilidade de crescer depende de falhas mecânicas ou humanas no funcionamento do sistema.

Mas, há obstáculos também culturais que agem como fatores de inércia, gerando bloqueios institucionais, na medida em que variáveis extra-econômicas interferem no processo.

Como se dá a crise de super-consumo diversificado?

A demanda passa a depender de uma oferta múltipla, local, regional, nacional e internacional.

As rugosidades desempenham aí um papel, através de pequenos capitais fixos, que atuam como complementos dos macro-sistemas interrelacionados em movimento.

O velho e o novo não são obstáculos ao avanço do capital e do trabalho, enquanto mercadorias para oferta ou demanda.

Mas, o ritmo no atraso é uma lenta incorporação de tecnolo -

Os ganhos na margem

A margem é o espaço disponível na demanda reprimida, que pode ser ocupado pelo agente econômico em atividade no mercado.

Não há uma margem de consumo para o capital e para o trabalho, mas de modo desigual, porque as ofertas são diversificadas, dependentes que são da preferência de consumidores e produtores.

A possibilidade do mercado expandir-se é, teoricamente, ilimitada. Assim, o espaço marginal sempre ressurgiu.

Os ganhos na margem estão, então, relacionados à percepção das possibilidades de realização do valor de valor.

O âmbito onde isto se realiza com rapidez é o do dinheiro como fetiche.

Mas, a valorização da moeda tem, também, um componente objetivo, dado pelo valor real do produto.

O que a subjetividade proporciona é a reprodução ampliada composta, para além das ideologias.

Perante a moeda todos os agentes do mercado no campo e na cidade, são iguais.

Porém, essa igualdade é ilusória, pois, a mesma quantidade de moeda tem valor diferente, nas mãos de agentes diferentes.

Isto implica na natureza do investimento, ou seja, na forma do ingresso e seu uso.

A informática não passa, por isso, de um ponto de apoio para a circulação do valor.

No entanto, a alienação produzida pela mídia, criando necessidades para além das necessidades postas, transforma a natureza das determinações e indeterminações.

Nunca se produziu tanto para tão poucos.

Ao contrário do desaparecimento do valor, a realidade mostra a existência de um valor excedente que não é apropriado.

Parte desse valor excedente é, então, destruída.

A sociedade do consumo é autofágica. Os bloqueios humanos e institucionais impedem a substituição da hierarquia subjacente aos impulsos para-objetivos, por uma redistribuição da renda compatível com o grau de diferenças postas.

Entretanto, a liberdade possível abre continuamente espaços adjacentes às estruturas inerciais que se fortificam na busca do aumento dos ingressos.

Coloca-se a questão de aumentar o horizonte disponível.

Alternativas para-sistêmicas

O sistema global não abrange todo o espaço de oferta territorial. É que, aparenta abranger, em função da malha diversificada de expressão do poder.

Na verdade, se a subjetividade, até exarcebada, põe-se, hoje como um componente do real, frequentemente abrem-se brechas no domínio territorial.

Isto substitui a base de expressão de atividades alternativas para-sistêmicas que, chegando a um certo patamar, constituem também núcleos de poder.

A fragmentação da totalidade torna possível essa afloração de iniciativas, que se expressam em espaços esparsos no conjunto dos fluxos e fixos do oligopólio.

Os espaços privados, antes reduzidos ao homem-habitante, geram, na trama diferenciada da heterogeneidade, espaços livres ao homem-produtor e ao homem-consumidor.

Em contrapartida ao domínio do espaço pelo sistema, surgem os espaços diferenciados dos agentes que não desejam o poder político.

Esses agentes possuem poder mas só o utilizam paralelamente em esferas que, se interessam ao capital, necessitam de liberdade.

Por isso, um novo tipo de democracia é necessário.

Uma democracia de iguais em que o poder é redistribuído através das funções.

Isto implica na existência de uma mentalidade não autoritária, que permita a existência e a coexistência de seus contrários.

Dai a importância da ética como norma, à qual deve sujeitar-se a moral e o personalismo.

Isto supõe, no entanto, a dívida social paga.

As alternativas para-sistêmicas são, assim, o campo de manifestação da liberdade própria do ser civilizado.

Se as regras socialmente postas são naturalmente aceitas, apesar de suas limitações, o poder na margem torna-se inútil, pois cada um sabe o que deve fazer.

Surge, então, a expectativa de que os outros procedam de modo semelhante.

Aceitar a necessidade é antes de tudo compreendê-la como necessária, o que abre caminho para o uso da verdadeira liberdade.

A liberdade no fluxo

O fluxo do valor realiza-se a cada momento da produção, da circulação, da troca e do consumo.

Mas, a repetição desse processo pode apenas renovar a reposição do capital inicial.

É preciso que o processo gere um excedente que ultrapasse os custos e o consumo do empreendedor.

O problema se desloca, então, para a área do investimento.

Como aumentar os ingressos?

A solução clássica é o monopólio e suas formas, oligopólio e o monopsonio, etc.

Mas, atualmente, esse é um capital morto, que se apóia no modelo de um mercado cujo funcionamento é herdado do passado. Uma das causas da institucionalização das perdas é o fetiche da mercadoria e a alienação dos agentes econômicos.

Uma nova concepção de mercado, organizado pelo capital e pelo trabalho, implica em uma nova mentalidade a respeito da concepção da riqueza.

É nesse ponto que entra a idéia de valor de valor, ultrapassando a esfera do econômico.

O retorno deve, agora, estimular a motivação que, embora regulada pela oferta e demanda, implica na busca de um estar psíquico que é uma compensação pelo desgaste provocado pelos processos rotineiros usuais.

Essa satisfação de necessidades pós-econômicas implica a passagem da esfera do econômico para a esfera da liberdade no fluxo.

Ou seja, estar solto passa a ser a condição para ser livre, o que necessita ultrapassar as barreiras das leis, portarias, decretos e regulamentos derivados do pensamento conservador.

É preciso ir além do já posto.

Adentrar o reino da fantasia, que libera a criatividade, na direção do novo.

O valor, antes que econômico, move-se na esfera da sociabilidade, que iguala as expectativas individuais, na elaboração de relações societárias libertas dos constrangimentos do cotidiano reificado.

Assim, o sujeito deve por-se o objetivo de ultrapassar seu passado e realizar seu futuro no presente, que é o instante do por-se disponível.

A objetividade assim definida, defronta-se com os impecilhos dos compromissos formais, destituídos de vida.

Estar vivo é estar em permanente estado de elutrição.

A euforia daí resultante estimula os neurônios, quando então o valor perde seu caráter de coisa acabada e põe-se como liberdade no fluxo.

Por uma nova concepção do ser

Por paradoxal que pareça, a competição tecnológica implica na cooperação de muitas individualidades.

Na imperfeição dos mercados atrasados o conflito impede que as solidariedades mecânica e orgânica se manifestem.

Contudo, estas são também modalidades primitivas de existência dos agentes econômicos.

Na era da informática é preciso ultrapassar a herança das relações monetárias.

A própria moeda deixa de ser um parâmetro para medir os resultados.

A inflação, real ou induzida, é o efeito das desigualdades das trocas.

A inflação desaparecerá quando ocorrerem a existência e a efetividade de um mercado regulado, onde as trocas e o dinheiro forem apenas meios de satisfação de necessidades e modo de realização da igualdade dos agentes e atores da situação posta.

.....
A sociedade moderna possui poderosos meios de tornar possível a convivência harmônica entre os indivíduos.

A principal mudança a ser realizada depende da retomada da concorrência livre e civilizada.

Isto significa que a capacidade de escolha pode aumentar e, com ela, os graus de liberdade individuais e sociais.

O novo ser é possível. Na verdade, ele já está posto, embora imerso na herança da sociedade anterior.

A busca termina quando o trabalho e o capital, antes que novo modo social se ponha, encontrem a necessidade da convivência complementar.

O possível não satisfaz a carência mas é o caminho, em meio à sorte e às circunstâncias, de realizar o impossível, desde que se tenha em mente que, sua pre-ideação indique que ele já está posto.

Quando isto ocorre, a cada instante, um passo à frente foi dado.

Mas, é possível, hoje, escolher a direção.

Para onde?

Bibliografia Contextual

Bannon L., Barry V., Holst D. eds (1982) Information Technology. Impact on the way of Life, Dublin, Tycooly.

Brown L.A. (1983) High Technology and Business Services, New England Economic Review, July/August, 5-17.

- Choffel P., Echardour A., Kramarz F. (1988) L'évolution récente des professions dans l'industrie, le commerce et les services, *Economie & Statistique*, 213, 27-32.
- Claval P. (1987) Le néo-marxisme et l'espace, *L'Espace géographique*, 16, 3, 161-166.
- Compain G. (1986) Les règles de la gestion de l'innovation technologique, *Revue française de gestion*, 56-57, 140-149.
- Daniels P.W. (1985) Services Industries: Some New Directions, Pacione M. ed *Progress in Industrial Geography*, London, Croom, Helm, 111-141.
- Forester T. (1987) *High-tech Society*, Cambridge, Mass. MIT Press, 311 p.
- Hall P. (1987) The Geography of the Post-Industrial Economy, Brodchie J., Hall P., Newton W. eds *The Spatial Impact of Technological Change*, London, Croom Helm, 3-17.
- Harvey D., Scott A.J. (1988) The practice of human geography: theory and empirical specificity in the transition of fordism to flexible accumulation, Macmillan W.D. ed., *Remodelling geography*, Oxford, Basil Blackwell.
- Lash S., Urry J. (1987) *The end of organized capitalism*, Cambridge, Polity Press.
- Le Bas Ch. (1982) *Economie des innovations techniques*, Paris, Economica, 228 p.
- Rapp F. (1981) *Filosofía Analítica de la Técnica*, traducción de Ernesto Garzón Valdés, Editorial Alfa S.A., Buenos Aires, Argentina.
- Robertson A. (1984) Characteristics of the successful inventor: Some notes on the nature of creativity and the creative mind, *Technovation*, 2, 2, 141-146.
- Rosenberg R. (1982) *Inside the Black-Box: Technology and Economics*, Cambridge, Mass., Cambridge, University Press.
- Scardigli V. (1983) *Electronique, informatique et mode de vie*, *Futuribles*, Avril 1983, 23-33.
- Scott A.J., Storper M. (1988) The new geography and sociology of production, *Society and Space*, 6, 3, 241-244.
- Shankling W., Ryans J. (1984) *Marketing High Technology*, Lexington, Mass. DC Heath.
- Skinner W., Chakraborty K. (1982) *The Impact of New Technology: People and Organization in Services Industries*, *Work in America Institute Studies in Productivity*, 19, Pergamon Press.

- Storper M. (1985 a) Oligopoly and the Product Cycle: Essentialism in Economic Geography, *Economic Geography*, 61, 260-282.
- Sylas-Labini P. (1959) *Oligopoly and Technical Progress*, Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- Urry J. (1986) Capitalist production, scientific management and the service class, Scott A.J., Storper M. eds (1986) *Production, Work, Territory, The Geographical Anatomy of Industrial Capitalism*, London, Allen & Unwin, 43, 66.
- Walker R.A. (1985 a) Is there a service economy? The changing capitalist division of labour, *Science and Society* 49, 42-83.
- Zarifian P. (1986) L'individu moderne?, *Travail*, 11, 48-50.
- Zysman J., Tyson L. (1983) *American Industry in International Competition. Government Policies and Corporate Strategies*, Ithaca, Cornell University Press.

São Paulo, 01 de setembro de 1991